

Uber oferece “vaca amarela” em corridas com taxa extra

CAUE FONSECA

caue.fonseca@zerohora.com.br

A Uber anunciou para novembro a modalidade Comfort, que deve substituir a atual Select. A ideia é que, por um pequeno acréscimo no valor da viagem, o usuário possa ter comodidades como condutores mais experientes, bem avaliados, ar-condicionado previamente ajustado e – a mais polêmica – sinalizar ao motorista que prefere não conversar ao longo do trajeto.

Em redes sociais, a medida recebeu críticas por supostamente monetizar a desumanização das relações de trabalho. ZH consultou motoristas do aplicativo, em Porto Alegre, sobre a novidade, e ouviu prós e contras para quem está ao volante. Em linhas gerais, os profissionais se mostram compreensivos, e concordam em um ponto:

– É melhor que o usuário me avise antes no aplicativo que não quer conversa do que, depois da corrida, dar nota baixa por eu ter puxado assunto – opina um motorista de 33 anos, que trabalha com o aplicativo há três anos.

Ele desconfia que isso pode ter ocorrido com ele recentemente, quando fez uma pergunta sobre o caminho de preferência do passageiro e recebeu resposta atravessada – “Se tu tem GPS, usa”. Logo que o cliente saiu do carro, o condutor percebeu que a nota havia baixado alguns décimos, sinal de que recebera poucas estrelas na avaliação:

– Pode não ter sido isso. Tem gente que avalia mal porque acha que pode ganhar desconto depois. Tem essa lenda. Ou porque não gostou do meu boné, da música no rádio. Às vezes, não dá para saber. Então, quanto mais transparência sobre o que o passageiro quer, melhor.

Uma unanimidade entre motoristas é que é compreensível uma pessoa não querer conversa, por inúmeras justificativas. Mas afirmam também que não é difícil detectar a propensão dos clientes a bater papo.

– Basta um pouco de bom senso para ver o humor da pessoa. Acho fácil perceber – opina outro condutor, de 31 anos, e há um ano e meio dirigindo pelo aplicativo.

Diferentemente de outros motoristas, que optaram pelo anonimato, Rodrigo Braz, 39 anos, faz questão de se identificar porque pretende transformar as conversas do dia a dia em postagens em um perfil no Instagram, com transmissões para trocar ideias com seguidores sobre o que ouve dos clientes – sem identificá-los, esclarece. Embora ainda não tenha inaugurado, o perfil @umuberdepoa já está reservado na rede social.

– Logo que soube, confesso que fiquei meio chateado. Gosto muito de conversar. Depois pensei: quer saber? Talvez seja melhor mesmo. Mas tenho um pouco de pena dessas pessoas. Além de não quererem interagir, não conseguem nem dizer isso pessoalmente numa boa – diz Rodrigo.

Ele aponta ainda a serventia dessa modalidade para evitar casos de assédio:

– Entendo uma passageira que use essa opção ao sair à noite para evitar um “Uber Don Juan”, algo que é chato.

Especialista

Segundo Wagner de Lara Machado, professor da Psicologia da PUCRS e coordenador de grupo de pesquisa sobre bem-estar e saúde mental, o comportamento de pagar para evitar interações pessoais e tentar controlar o imprevisível, como a possibilidade de ter ou não uma conversa em uma corrida, tem algo a dizer sobre o momento da sociedade.

– Falar no tom de voz correto que não quer conversar exige nível de sociabilidade que pessoas às vezes não têm. Ou não estão dispostas a ter.

Nesse ponto, o botão para não conversar com o motorista se aproxima a outras tendências recentes, como evitar telefonemas, pedir comida sem ajuda de telefonista ou comparecer a um encontro quando há interesse mútuo previamente referendado por aplicativo. Embora o professor pondere:

– É tênue a linha entre a preocupação com serviço prestado adequadamente e essa rejeição a uma interação social. Em ônibus, não se deve falar com o motorista. Talvez a preocupação seja semelhante.



Rodrigo vê pontos positivos na novidade anunciada pelo aplicativo

“

Entendo uma passageira que use essa opção ao sair à noite para evitar um “Uber Don Juan”, algo que é chato. Logo de cara, ela sinaliza que não corresponde ao que o cara pode estar imaginando dela.

RODRIGO BRAZ
Motorista pela Uber

“

Falar no tom de voz correto que não quer conversar exige nível de sociabilidade que pessoas às vezes não têm. Ou não estão dispostas a ter. Estamos interconectados, mas perdendo relações mais íntimas

WAGNER DE LARA MACHADO
Professor da Psicologia da PUCRS

TICIANO OSÓRIO ticiano.osorio@zerohora.com.br

Mais uma derrota da sociedade

Somos tão antissociais que agora vamos começar a pagar para não conversar. Mediante o pagamento de um dinheirinho a mais, você poderá deixar claro que não está a fim de papo antes mesmo de o carro da Uber chegar.

Puxa vida: se não quer falar com o motorista, basta ficar quieto, afundar a cabeça no smartphone ou, o que seria o mais educado, dizer a ele “olha, não leve a mal, mas hoje não estou a fim de papo”.

Já andei com motoristas calados, já andei com falastrões, já andei com integrantes do Clube do Ódio. Faz parte, ao meu ver, da vida em sociedade. Encaro como exercício de paciência, ou mesmo de empatia – é bom saber como os outros, que não estão na nossa bolha, pensam.

Também já tive a sorte de empreender conversas muito legais, produtivas, divertidas e até comoventes. Certa vez,

peguei um motorista que conhecia e havia trabalhado com o saudoso Guto Greco, que tinha sido nosso professor no Laboratório de Criação, na Fabico (a Faculdade de Jornalismo da UFRGS), nosso diretor do grupo teatral que montamos em meio às aulas e nosso amigo com quem viajavamos para festivais e passeios de feriado. Para chegar ao assunto, que trouxe emoção, só o que precisamos fazer foi conversar, interagir, compartilhar um pouquinho de vivência na corrida que nem chegou a 10 minutos. Enfim, cada vez pagamos mais para não lidar com a vida como ela é, cheia de imprevistos, chateação e frustrações, mas também de surpresas, reencontros e a satisfação gerada da cumplicidade de um sorriso, aquele momento gostoso em que, com o humor renovado, motorista e passageiro se despedem.

Greve afeta postos de saúde

Um balanço divulgado pela prefeitura de Porto Alegre apontou que ao menos 20 unidades de saúde estavam fechadas na manhã de ontem. O serviço foi afetado em razão de greve anunciada por trabalhadores do Instituto Municipal de Estratégia da Saúde da Família (Imesf), que protestaram contra a extinção do órgão, anunciada pela prefeitura no mês passado e que refletirá na demissão de 1,8 mil pessoas.

A maior parte dos postos fechados, ontem, fica na área periférica da Capital. Houve relatos de unidades de saúde com atendimento parcial, mas estes não foram incluídos no levantamento. A Secretaria da Saúde diz que não conseguiu contabilizar os que abriram com número menor de trabalhadores do que o normal. Em nota, a pasta diz ainda que “não vai tolerar a descontinuidade do cumprimento do contrato ainda vigente e o fechamento de serviços de saúde, com consequente desassistência à população”.

Avaliação

Em contrapartida, o Sindicato Saúde-RS, que representa a categoria, estimou que cerca de 50 postos tiveram o funcionamento afetado com a paralisação. Em frente à prefeitura, um grupo de servidores protestou e pediu solução. Em panfleto distribuído para pedestres, servidores explicavam que a prefeitura poderia transformar o Imesf em empresa pública e evitar as demissões. O Executivo diz que a proposta nem sequer é cogitada, por ser considerada inconstitucional.

A prefeitura anunciou a extinção do Imesf em setembro, após uma definição do Supremo Tribunal Federal (STF), no mesmo mês, que decidiu pela inconstitucionalidade da lei que criou o órgão.

Segundo o Paço, após as demissões será feita contratação emergencial com organizações sociais para fornecer profissionais para o atendimento. Esse acordo deve ter duração de até 180 dias. Enquanto isso, o Executivo informa que lançará edital para a concessão a gestão de diversas unidades de saúde do município. A ideia é que as vencedoras ofereçam também os prédios.